



FRANTZ

Temporal

Usualmente com a duração de algumas dezenas de minutos, um temporal é um fenômeno atmosférico marcado por chuva forte, vendavais, trovoadas, relâmpagos e raios. Como chuva que cai e molha o solo, por vezes nutrindo-o, outras alagando-o, a pintura de Frantz é alimentada pela tinta que escorre e entranha a tela. Inundação pictórica. Em Temporal, a partir de uma palheta de cores reduzida, céus de tormenta preto e branco preenchem o espaço expositivo e silenciam o olhar.

Entendendo o temporal também como uma ideia relativa à temporalidade de objetos e conceitos, a mostra aborda a poética do artista para além de uma relação que opõe o transitório à permanência. Ao entender o tempo como uma dimensão a mais a compor a obra, o artista o incorpora em íntimo diálogo com o espaço e seus limites. Nas palavras de Deleuze: “O tempo já não se reporta ao movimento que ele mede, mas o movimento ao tempo que o condiciona. Por isso o movimento já não é uma determinação do objeto, porém a descrição de um espaço, espaço do qual devemos fazer abstração a fim de descobrir a tempo como condição do ato” (1).

É a partir de tais relações e de ligações afetivas que o trabalho do artista toma forma. Contando com a generosidade de colegas, Frantz forra paredes e pisos de ateliês que, cobertos, permanecem. Camadas e camadas de tinta vão se sedimentando numa lenta construção que registra processos de outros artistas. Aceitando o passar do tempo de forma displicente, esses espaços recebem respingos de tintas, massas de distintas cores, marcas de latas, pegadas de quem por ali passa, acúmulo de pó. São vestígio e descarte que, posteriormente, sob o enquadramento do artista, viram obra.

Dessa maneira, pinturas se materializam. Pinturas que rompem a bidimensionalidade, podendo ser pisadas, tocadas, manipuladas. Pinturas que advêm de distintos endereços, questionando a noção de autoria e dissolvendo a aura da obra de arte. Pinturas que são documento e coleção; e que, através de telas, potes e livros, abrigam o processo e poética de Frantz.

Reunindo mais de 25 anos de produção artística, Temporal extrapola esses distintos momentos. Ao colocar o piso do ateliê do artista do início dos anos 90 em diálogo com potes finalizados há cerca de apenas dois meses, a mostra busca desvelar como a ação do artista se desdobra em temporalidades mundanas e, do espaço abstrato, constrói variados cenários, potentes em seus fragmentos únicos. Pingos e poças, ventos e trovões. Para além de breves momentos de desague, atemporal.

Bruna Fetter
curadora da exposição
outubro/2015

(1) DELEUZE, Gilles. Crítica e clínica / Gilles Deleuze; tradução de Peter Pál Pelbart. – São Paulo: Editora 34, 2011 (2ª edição), 208 p.